

COLETÂNEA

O caminho até a faísca

Reunião de textos de Clarice Lispector para a imprensa mostra como jornais e revistas serviram de laboratório para a escritora

CLAUDIA NINA

Clarice Lispector definiu: escrever é duro como quebrar rochas. A frase refere-se à dificuldade de lascar a “faísca”, ou seja, a palavra literária, e está no impactante “A hora da estrela”, de 1977, ano de morte da autora. Já no final da vida e da carreira, Clarice solidificou a “aprendizagem” das horas, pois descobriu que só se consegue fazer faiscar um texto quando se tem consciência de que produzi-lo é dureza. Escrever qualquer coisa pode ser fácil; limpar o óbvio é, sim, o trabalho da diferença. A caminhada foi longa, como se apreende em “Clarice na cabeceira: jornalismo”, apresentado e organizado por Aparecida Maria Nunes, pesquisadora e professora de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Alenas. Aqui, encontra-se a autora no início da carreira, tentando a todo custo fazer sua escrita de sobrevivência no jornalismo, enquanto polia a literatura pontiaguda que viria depois.

Dividido em quatro momentos (os primeiros textos na imprensa, as páginas femininas, as crônicas e as entrevistas), “Clarice na cabeceira: jornalismo” traz boas surpresas, especialmente os contos inéditos em livro, como “Triunfo”, primeira ficção publicada na mídia que se tem registro, na “Revista Pan”, em maio de 1940. Também inédita em sua totalidade é a série de “Cartas a Hermengardo”, publicada no periódico “Dom Casmurro” em 1941, e o conto “Eu e Jimmy”, publicado na “Vamos Ler!”. Assim como “Triunfo”, fala de um casal, mas com humor rascante. O tema: a subserviência das mulheres no amor.

Quando ainda era estudante de Direito, no Rio de Janeiro, Clarice decidiu estrear no jornalismo, e o trabalho na imprensa tornou-se mais nítido o desejo da criação permanente para a menina de Tchetchelnik, que desde novinha já fabulava. Aos 20 anos pediu a Raymundo Magalhães Júnior, da revista “Vamos Ler!”, a chance para publicar seus contos. Ao mesmo tempo, escreve, aos fragmentos, o primeiro romance, “Perto do coração selvagem” (1943), recebido com encantamento e estranheza.

Em 1952, Clarice ouviu o chamado de Rubem Braga para escrever uma página feminina no “Comício”, a “Entre mulheres”, com o pseudônimo de Tereza Quadros. Quando retornou em definitivo ao Brasil, em 1959, com dois filhos e dois novos livros prontos, voltou às colunas em “Só para mulhe-



Clarice na cabeceira: jornalismo
Clarice Lispector. Org. de Aparecida Maria Nunes
CRÔNICAS
Ed. Rocco, 239 páginas.



R\$ 30

Programação

Hora de Clarice

Eventos

Pelo segundo ano consecutivo, o projeto Hora de Clarice vai celebrar o aniversário da autora, que faria 92 anos dia 11, com uma programação em várias capitais. O Rio, cidade em que ela morou e morreu em 10 de dezembro de 1977, abrigará boa parte deles. Dia 10, às 17h30m, na ABL (Av. Presidente Wilson 203), Silvano Santiago e Eduardo Portella debatem a relação da autora com a política. Dia 11, o Instituto Moreira Salles (Marquês de São Vicente 476) apresenta o concerto “Outra hora da estrela”, às 20h, e lança um site sobre Clarice.

Livros

Entre as obras que chegam às livrarias estão a reedição de “A vida íntima de Laura” (Rocco), ilustrada por Odilon Moraes, e “No limiar do silêncio e da letra” (Boitempo/Edusp), de Maria Lucia Homem.



res”, no “Correio da Manhã”, com conselhos de moda, beleza e comportamento. O pseudônimo protetor: Helen Palmer. A partir de 1960, escreveu os textos assinados pela atriz Ilka Soares na versão tabloide de “Diário da Noite”.

Outra passagem marcante, também no fim dos anos 1950, é a publicação de contos na revista “Senhor”, responsável por tornar conhecidas, antes de chegarem aos livros, obras-primas como “Feliz aniversário” e “A imitação da rosa”, entre outros. A pesquisa cita ainda as entrevistas para a “Manchete” e as crônicas no “Jornal do Brasil”, momento de intensa liberdade criativa.

Dizer que Clarice Lispector jamais escreveu tolices é negar a totalidade de um processo que esta coletânea deixa entrever com lucidez. Nem tudo o que aparece aqui é maravilhoso, pelo contrário. E isso é ótimo. As tolices fizeram parte de um tempo em que ela achava que escrever poderia ser fácil. Os jornais e as revistas foram o laboratório imprescindível na alquimia de transformar a palavra em ouro.

Em alguns dos textos de 1940, Clarice antecipa características de estilo, como o fluxo

da consciência e a exposição de conflitos íntimos. Em “Triunfo”, por exemplo, tem-se a adjetivação inusitada tipicamente clariceana (“cheiro áspero”) e a visualização da mente dos personagens, que o narrador conhece intimamente — “Arrastava consigo um vácuo imenso na cabeça e no peito. Se aí batessem, imaginava, soaria metálico”.

Conhecer a trajetória de Clarice Lispector na imprensa brasileira não é simplesmente descobrir quais redações e páginas a autora de “A hora da estrela” percorreu antes de se tornar a autora traduzida em boa parte do mundo. É, sobretudo, conhecer o processo de formação de sua literatura, que se substanciou sem pressa, na consciência de que não se deve corromper a palavra. Descobre-se aqui, letra por letra, o caminho das pedras duras de lascar — e faiscar. ●

Claudia Nina é jornalista e escritora, autora de “Literatura nos jornais”, entre outros

NA WEB
oglobo.com.br/blogs/prosa

Leia entrevista com Aparecida Maria Nunes e a programação completa da Hora de Clarice